

# humanitas

**Vol. V-VI**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLS. II E III DA NOVA SÉRIE  
(VOLS. V E VI DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA  
MCMLIII-IV

de Feres não estaria mais sólidamente assegurada ? Esta opinião que não é só nossa, tem muito que se diga em seu favor.

— Pheidippides, na transliteração do grego, ou Phidippide, na versão do francês, é constantemente designado, na pág. 329 e segs., que se ocupam das *Nuvens* aristofânicas, por «Philippide». Compreende-se que, por distração, tenha passado um / por um *d*, tanto mais que o nome com / também lhe ia bem ao feitio, mas a verdade é que o filho de Estrepsiades se chamava, em francês, «Phidippide».

— Ainda a propósito de Aristófanes, digamos que as duas páginas (322-3) em que o Autor resume os reflexos da vida corrente na comédia aristofânica, são modelares como síntese. Quem quiser conhecer pormenores, pode encontrá-los no livro profundo e ameno (duas qualidades que raro andam juntas) do Prof. Victor Ehrenberg, *The people of Aristophanes* (2nd. ed., Oxford, 1951).

— Registemos também um louvor ao bom gosto das ilustrações, em heliogravura, da autoria do artista Antoine Bon.

Não queremos alongar mais as observações a um trabalho tão distante das preocupações de erudição escolar, como este do Sr. André Bellessort. Desejamos apenas recomendar vivamente a sua leitura a todos aqueles que se interessem por um dos capítulos mais significativos da história cultural da humanidade. E, referindo-nos especialmente aos alunos das nossas Universidades, do coração desejamos que a leitura de *Athènes et son théâtre* e de outros livros como este, ajude a minorar a sua indigência cultural, que é aflitiva.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

Antonio Barbieri, *La vis comica in Terenzio*. Paideia, Arona, 1951,  
300 pp.

Prefaciada com elogios por G. B. Pighi, a tese de doutoramento do Prof. Barbieri, há anos apresentada na Universidade de Friburgo (Suíça), ocupa-se da *vis comica* de Terêncio, entendida esta no sentido que se lhe dá habitualmente nos versos do famoso epigrama de César (ou a ele atribuído), a respeito de Terêncio. Como todos sabem — e o Dr. Barbieri melhor que ninguém — a expressão nasceu em edições modernas, da omissão de uma vírgula que, para os antigos, separava *vis*, no final do terceiro verso, de *Comica*, no começo do verso seguinte. A tendência actual é para colocar de novo a vírgula, de tal maneira que *vis comica* deixe de existir.

Entretanto, a expressão ganhou, há muito, foros de autenticidade, e o Dr. Anto-

nio Barbieri deu-lhe novo alento, ao fazer dela título do seu livro, entre outros motivos, porque vários a tinham empregado antes, como designação para estudos similares sobre diversos poetas cómicos. Entre esses, o Autor cita Levi Arnold Post, no seu artigo sobre Menandro, em *Transactions of the American Philological Association*, vol. Lxii, 1931, pág. 203-234 : «Cf. ... Particolo di L. A. Post *The vis of Menander*, dove, pur non trovandosi completa, è chiaro che la formula sia suggerita dall'epigrama succitato» (pág. 20). Teria sido conveniente acrescentar, todavia, que o Prof. Post, no referido artigo, dá a *vis* um valor muito diferente daquele que a palavra tem usualmente na expressão *vis comica* em que, aliás, não acredita. L. A. Post é categórico: «I conclude that Caesar meant by *vis* the magic touch of genius that enthalls the reader or hearer» (pág. 224). E, depois de precisar o seu pensamento numa série de períodos que tomariam aqui demasiado espaço, diz: «It seems to be the verdict of antiquity that this power to sway the reader and so to create in him to some extent a new spirit is present in Menander, but not effectively in Terence» (pág. 225).

A tese do Dr. Antonio Barbieri é um estudo notável. Como trabalho de conjunto sobre o *cómico terenciano* (incompreendido, menosprezado e negado por tantos), é — em nossa modesta opinião — o melhor e mais extenso estudo publicado até hoje. E como contributo para uma justa avaliação da obra de Terêncio, colocamo-lo — igualmente, em nossa modesta opinião — ao lado do livro magistral de Gilbert Norwood, *The Art of Terence* (Oxford, 1923), em que este investigador tentou a demonstração da originalidade de Terêncio, entre outros meios, pela prova indirecta do aperfeiçoamento da técnica teatral na sucessão cronológica das suas peças.

Eis alguns comentários que a leitura da tese do Dr. Barbieri nos sugeriu :

— Na pág. 50: «(...) elementi cari alia commedia aristofanesca, come il *phallos* posticcio, enorme e pendente in alcuni personaggi». Isto é discutível, cf\* W. Beare, *Actors' Costume in Aristophanic Comedy* in *Classical Quarterly*, XLViii (1954), págs. 64 a 75.

— Pág. 87: «Senonché mi è bensi venuto naturale di chiamare *vaudeville* Topera di tipo plautino...». O aproximar do *vaudeville* as peças de Plauto ocorreu a vários autores, por exemplo, Paul Lejay e René Pichón.

— Pág. 120: Na versão de uma palavra latina, aliás de pouca monta, o italiano parece menos rico do que o português: «Sono talvolta parole che, come *scortum* (*Em.*, 424 e *Ad.* 965), non sapremmo oggi come tradurre, per rendere l'esatto valore che hanno in latino». Não podemos gabar-nos de que o equivalente português traduza, no mesmo grau e com valor social e psicológico absolutamente idênticos, o termo latino, mas reproduz com certeza o significado etimológico e figurado do vocábulo, aplicado a uma mulher de vida fácil: «coiro, coirão».

— Pág. 134-5 (cf. pág. 209):

PA. *Tace tu, quem te ego esse infra infimos omnis puto  
homines; nam qui huic animum adsentari induxeris,  
e flamma petere te cibum posse arbitror.*

(*Eun.* 489-91)

A «ingegnosíssima apostrofe dei vv. 489-91» parece-nos apenas uma descrição do tipo cómico chamado na comédia grega o *βωμολόχος*, e definido como *(οι) προς τοιαι βωμοῖς πανταχοῦ / ἀεί λοχόντες* em Ferécrates 141 (cf. o comentário respectivo em Kock). Sobre as variedades deste tipo, cf., por exemplo, Pickard-Cambridge, *Dithyramb, Tragedy and Comedy* (Oxford, 1927), pág. 270 e segs..

— Pág. 212:

*O caelum, o terra, o maria Neptuni!*

(*Ad.* 790)

impressiona o A., pelo seu tom épico. Na página seguinte, citando Marouzeau, menciona o A. de novo este verso «in cui con intento parodico Terenzio imita la tragedia».

Epopéia e tragédia não são exactamente a mesma coisa e a melhor opinião neste passo parece-nos a de Marouzeau. Ao leitor habitual da comédia grega, o verso aparece como um exemplo corrente de *paratragédia*.

— Pág. 218-9: Salvo melhor juízo, muito do que o A. diz exclusivamente do parasita terenciano do *Eunuchus* podia dizer-se igualmente do seu confrade piautino do *Miles gloriosus*.

— Pág. 257: «La Commedia Nuova, soprattutto per reazione alia fantasia spesso stravagante dei genere aristofanesco, ma anche coerentemente al movimento generale che allora tendeva a riportare la letteratura verso la realtà, *era scrupolosamente attaccata alia verità umana*» (1).

Esta afirmação e as contidas numa citação de Michaut, que vem logo em seguida, são discutíveis. Victor Ehrenberg, sociólogo e helenista, sem dúvida a maior autoridade actual sobre esta época e esta matéria, prova, pelo contrário, que «a obra poética no tempo de Menandro, embora certamente representasse o espírito da época, tinha deixado de ser uma expressão da vida pública. Na medida em! que a vida privada nela se apresenta, é um erro crasso de interpretação olhar os proble-

(1) O sublinhado é nosso.

mas e os acontecimentos que se desenrolam no palco como qualquer coisa que interessava na vida real. *A vicia na Comédia Nova, embora imitasse a vida, estava separada da realidade*» (1). (Cf. Victor Ehrenberg, *The People of Aristophanes. A Sociology of Old Attic Comedy*. Oxford, 1951, pág. 42. A 1.ª edição deste livro é de 1942. Da 2.ª ed. (1951), fizemos uma recensão em *Humanitas*, N. S. 1, pág. i-vii).

— Pág. 261: Sobre «Terenzio imitatore-originale, sull'arte sua propria» existe já um estudo, o de Gilbert Norwood, que não deve ser desconhecido do A. que cita *The Art of Terence*, na pág. 282, nota 7 da sua tese.

Desfeiam este belo livro, escrito com graça e, por vezes, com um entusiasmo bem meridional, algumas «gralhas». Até o característico *Homo sum: humani nihil a me alienum puto* aparece não só errado, mas também transcrito como *Ht.* 52 (quando é *Ht.* 77), na página 34.

Todavia, o balanço final da obra do Dr. A. Barbieri é largamente positivo e nenhum estudioso de Terêncio lerá sem proveito a sua tese.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

Michel Rambaud — Cicerón et l'Histoire Romaine — Paris, 1953 —  
148 pp.

Estuda o Autor nesta bem documentada monografia um aspecto da obra ciceroniana que considera muito significativo e digno de atenção.

No I cap. discute o problema da autenticidade da vocação histórica de Cícero. Dizer-se (pág. 13) que a vocação histórica de Cícero abortou parece-nos que é avançar proposição muito para discutir. A objecção imediata salta com evidência: e o que seria a sua história? Lembremo-nos de que, embora autor de tratados filosóficos, só muito dificilmente poderemos dizer que Cícero foi um filósofo. Seja, porém, como for, a verdade é que o A. procura rebater as razões daqueles que minimizam a vocação histórica de Cícero; assim (pág. 14-15), procura desfazer a crítica daqueles para quem a carta a *Lucceius* é manifestação de, digamos, anistoricismo. A nós parece-nos que a incoerência ou pretensa incoerência, que a referida carta pode revelar, é afinal, mais do que outra coisa, talvez mero produto de uma personalidade com plexa como era a de Cícero. Objecção mais pertinente parece-nos ser aquela que a última parte (pág. 23-24) do cap. suscita, pois afigura-se-nos evidente que, sendo Cícero um homem interessado na actualidade do seu tempo, terá carecido de pers-